

2015 - Nº 17
BELO HORIZONTE
SETEMBRO



o n u s c r i t o s



estário

mário alex rosa

Poeta e professor de literatura brasileira

O escritor e artista plástico Fidel Scavo (1960) é ainda pouco conhecido entre nós. Apenas dois dos seus livros infantis já foram publicados no Brasil. O que apresentamos aqui é uma pequena amostra de uma tradução em andamento. São dez poemas (na página ao lado, alguns deles) acerca do universo dos bichos, ou melhor, sobre um olhar muito peculiar desse escritor uruguaio que imagina, recria e traz todo um universo de seres existentes ou não. Comportamentos que dão o que pensar. No interessante prefácio do livro *O elefante e a formiga*, Scavo esclarece que “não é um livro sobre animais, no sentido zoológico ou naturalista. (...). É um livro sobre o amor, o desamor, a vida e a morte, própria ou alheia. Também sobre a lealdade, o abandono, a entrega, a renúncia, a fidelidade, os filhos, os pais, o lirismo escondido, os medos, o sem sentido e a crueldade”. Nesse sentido, o leitor poderá se identificar com a doçura de um coelho ou refletir a respeito da culpa de um pelicano que sofre pelo que causa aos seus filhotes. Mas também reconhecerá, mais uma vez, que o cão, sem dúvida, é um amigo inseparável do seu dono. Afora essa visão, talvez esses belos poemas possam trazer para nós alguma reflexão dos dias atuais. O sentimento não é definitivamente unilateral; por isso, é necessário observarmos mais detidamente a natureza de cada um desses seres que povoam o nosso imaginário.

Como artista plástico, sempre ilustrou seus livros, mas aqui essas figuras foram retiradas da sua coleção, procurando criar uma correspondência entre a imagem e o texto. Fidel Scavo já publicou os seguintes livros: *Los amigos imaginarios*, *El huevo redondo*, *Historias que quedan en nada*, dentre outros.

Agradecimentos:

Essa tradução e todos meus bichinhos-poemas são dedicados a Michele, que me ensina sobre o afeto e a alegria dos animais.

Ao escritor argentino Agustín Arosteguy, pelo convite em participar dessa nova fase do jornal *Manuscritos* e pela conversa sempre muito agradável e afetuosa sobre essas traduções.

Ao amigo e poeta Ronald Polito, pelas sugestões.

Agradeço ao amigo uruguaio Juan Pablo Chiaparra, que teve a gentileza de me enviar o livro *El elefante y la hormiga*.

Desenho

Rômulo Garcias

Ilustrador e programador visual



ASADepapel
LIVRARIA

facebook.com/livrariaasadepapel

www.asadepapel.com.br

Rua Piauí, 631 - (31) 3567-8069



URRACA

Alguns a chamam de poeta, pois pode falar
com palavras que vêm de outro lugar.
Tem o mesmo som que o conhecido pelos homens,
mas quiçá outro significado.
Apoiada nos galhos das árvores,
costumam elaborar longas conversas e discursos.

Lembra muito a voz humana.

Há ali um universo inteiro.
Falando em línguas.



COELHO

O coelho parece bom e é bom.
Não é o caso de outros animais, que parecem bons e são maus.
Ou ao contrário, os que parecem maus e são bons.

O coelho, em compensação, parece bom e é bom.

TARTARUGA

Tem fama de lenta.
Por isso chegou apenas às últimas páginas do livro.
Ainda que na realidade, é a que sempre chega primeiro.
Acontece que se entendia, devido a isso mesmo.
Então, dá umas voltas por aí e logo depois retorna.
Em pouco tempo.

Quando já é tarde demais.



fidel sclavo

El elefante y la hormiga Un bestiario.
(Ediciones de la Banda Oriental, 2014)
Tradução: Mário Alex Rosa

BORBOLETA

Em cada asa de uma borboleta
há um segredo escrito,
a ser desvendado.
Algo que temos esquecido.
E era necessário não esquecer.

Um tesouro perdido que voltamos a encontrar.
Se conseguirmos ler bem as cores, que se transformam
em letras, antes de nos darmos conta.

É um abrir e fechar de asas.

ARGANAZ

Sua existência baseia no paradoxo.
O sono o faz crescer e engordar.
A comida não.

Dorme durante todo o inverno.
Sem mover-se, como se estivesse morto.

No verão, volta à vida.
Que é o que menos gosta.



Odeio
Poemas
Com rimas
Rimar é forçar palavras a fingirem que estão ali por um motivo verdadeiro
Se eu fosse o mar, ou o ato de amar, me sentiria ofendida ao me ver ali
Sem mais nem menos
Só porque o poeta precisava de mim
Eu odeio poemas com rimas
Minhas palavras são livres
E eu gosto da cor laranja

silvia helena

TODO MUNDO É BICHO

Bicho é bicho
mas de tanto ser bicho
vira um capricho
nas mãos de outro bicho.

O bicho vira gente
que vira bicho
que vira gente
que vira

um caso de família.

Mas se bicho está contente
o outro fica também.
Se bicho está triste
o outro fica também.

O que será que um tem
que o outro não tem?

Hein, bicho?

mário alex rosa
Zoo de mim (inédito)

ENGANO

Queria um drinque
destes de hotel chique
enfeitado com sombrinha colorida
pra brindar o sabor da vida.
Com gelo.

Ganhou barriga
gravidez tubária
gêmeos lindos
sem pai
sem país
sem pouso.

Olhou pela janela
e a vida lhe mostrou um drinque amargo
sem escolha.

Bebeu.

Ainda aguarda a sombrinha colorida
do bar chique
pra brindar o sabor da vida.
Sem gelo.

maria antonia c. moreira
manttonia@gmail.com

PEQUENO TEXTO DA QUÂNTICA PAIXÃO

O desejo abraçou seu espelho e se arrebentaram em paralelo

everaldo chrispim
echrispim@gmail.com

A MENTIRA

Todo mundo mente para viver
mente sobre a dor que deveras sente
sobre si e o que gostaria de fazer
sobre os desejos que passam na mente

Estão as mentiras na cama e na mesa
na família, na política, em toda beleza

E se as pernas são curtas, o coração
faz o olho aprender a se esvaziar
toda verdade é uma mentira pendular
entre a realidade e a necessária ilusão

fernando righi
ferrighi@hotmail.com

25

Faço o que posso, não o que devo.
Mas se o que devo não é o que posso
como fazer o que devo, se
não posso fazer o que me possui?

armando freitas filho
Dever
(Cia. das Letras)

UMA PONTE PARA A MEMÓRIA

De minha sala, envolta em quadros,
Vislumbro tão perto e ao longe
Sob o torpor da saudade
Misteriosa e linda ponte

Procuro em vão pelas telas
Não há imagem semelhante
À da ponte suspensa e bela
Por onde vão seres errantes

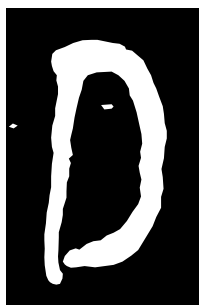
É antiga, bem posso ver,
E tem estilos variados,
Com os trilhos de meu pai
E a cantaria de nossos antepassados

Por ela vai, cabelo ao vento,
Num vestido azul da meninice
E o rubro da juventude,
O que ficará até a velhice

Oh menina, mulher, diabo e anjo,
Se por essa ponte for contigo,
Que há de me esperar
Tempestade ou quente abrigo?

renata pereira
renatafpereira@yahoo.com.br





o lado que a corda arrebenta

agustín arosteguy
agarosteguy@yahoo.com.ar

SOBRAS COMPLETAS é uma reunião dos dez livros mais significativos na obra do mineiro Jovino Machado.

Os livros são: Deselegância discreta (1993), Trint' anos Proust' anos (1995), Disco (1998), Samba (1999), Balacobaco (2002), Fratura exposta (2005), Meu bar meu lar (2009), Cor de cadáver (2009), Amar é abanar o rabo (2009) e Cantigas de amor & maldizer (2013). O volume conta ainda com alguns poemas que foram publicados em sites, revistas, coletâneas e plaquetes, além de inéditos que foram escritos em 2014 e 2015. O livro conta com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, através da Fundação Municipal de Cultural da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. A edição é da Excelente Projetos, de Daniel Bilac e Valquíria Rabelo.

Jovino Antônio Rabelo Machado nasceu em 1963 em Formiga (MG). Foi criado em Montes Claros e vive em Belo Horizonte. Tem poemas e entrevistas publicadas no Suplemento Literário de Minas Gerais, Rascunho e Cândido de Curitiba, Revista Poesia Sempre da Biblioteca Nacional e nas coletâneas A melhor poesia brasileira Minas Gerais (Sucesso Pocket), Pelada Poética (Scriptum), Poemas que latem ao coração (Nova Alexandria) e jornal A Parada, entre outras. Colaborou também no Portal Cronópios, na revista eletrônica Germina Literatura e no seu blog: <http://jojomachado.zip.com>

Leia, a seguir, entrevista que Jovino concedeu a **Manuscritos**.

ARQUIVO PESSOAL



e n t r e

~~~~~ **Como surgiu a ideia de apresentar o projeto à Lei Municipal de Incentivo à Cultura? Foi sua, da editora, ou dos dois?**

Eu já tinha feito uma reunião de meus poemas no livro Samba (1999). Depois dessa edição fiquei com vontade de editar um volume mais completo, com os poemas mais importantes de minha trajetória. No final de 2013 recebi um e-mail de Daniel Bilac e Valquíria Rabelo (Excelente Projetos), com a proposta de entrar com um projeto na Lei Municipal de Incentivo à Cultura, para a publicação do SOBRAS COMPLETAS. O projeto foi aprovado e já está sendo finalizado, com previsão de lançamento, agora no final de outubro de 2015.

~~~~~ **Esse tipo de edições acontece só com escritores já mortos ou muitos renomados. Como “justificaria” seu caso?**

Comecei a publicar poemas no início dos anos 1980, em Montes Claros. Confesso que no início era apenas um entusiasmo de juventude. Depois do meu terceiro livro tive a oportunidade de ler a obra de Fernando Pessoa, e percebi que a minha produção poética não tinha nenhum valor literário. Os "livrinhos" de xerox ou rodados no mimeógrafo eram apenas cópias e diluições ingênuas de um ator de teatro que queria muito ser poeta. A partir da leitura dos grandes clássicos, abandonei o projeto de ser um artista dos palcos e investi toda a minha energia na poesia. Em 1990 entrei para o curso de Letras da UFMG, e no ano seguinte ganhei meu primeiro prêmio literário na Revista Literária da universidade. Um prêmio, mesmo que não seja em dinheiro, serve de incentivo e é sempre muito bom quando começam a prestar atenção no que você está produzindo. Aos poucos fui publicando livros, e a maioria deles em pequenas tiragens que logo se esgotavam entre amigos, jornalistas e familiares. Com uma obra fora das livrarias, achei que já tava na hora de reeditar tudo, sem precisar morrer ou entrar para a Academia Brasileira de Letras.

~~~~~ **Que significa ser poeta no século 21? Com tanta coisa acontecendo, tanta agitação popular, tantos escândalos políticos de corrupção, etc., qual você acha que é o papel do poeta?**

Não é fácil responder esta pergunta, mas vou tentar. Ser poeta neste século é a mesma coisa que ser poeta nos séculos passados. Acho que enfrentamos os mesmos desafios, as mesmas dificuldades e os sofrimentos. Em qualquer época o escritor está sempre em busca do maravilhoso e daquela epifania que possibilita encontrar os meandros para a construção de uma obra poética. Talvez os poetas do passado fossem mais românticos e o melhor que tinham a fazer era escrever poemas na juventude, se empanturrar de vinho nas tabernas e morrer pálido de tuberculose. O papel do poeta, hoje e sempre, é o de perceber o lado onde a corda vai arrebentar, e ficar desse lado. É o papel de abraçar as causas humanistas, mas também ficar atento para não produzir panfletos políticos e achar que está fazendo poesia.

~~~~~ **O que o movimenta a escrever? E o que desanima?**

Nada me desanima. Não acredito em inspiração, mas me sinto animado quando leio um livro do Bolaño, vejo um filme do Godard ou ouço o violão do João Gilberto. Eu escrevo porque a poesia é a menina dos meus olhos e eu não posso viver sem ela. A vida seria para mim muito desinteressante se eu tivesse que parar de escrever e publicar. O ato de criar é uma das melhores sensações que já experimentei nesses últimos anos.

A DAMA DAS TREVAS

sabe dançar a falsa valsa
seu vôo é um presságio sombrio
no impulso lúdico caiu da torre
e perdeu a terceira perna
pode andar sem ela com muletas
mas vai sentir muito a sua falta
fala baixinho como uma fada
mas fere fundo como uma bruxa
sua saliva é venenosa e cruel
anda com passo de gazela
para não despertar os cães
deu um salto trapezista
quando o cupido se abaixou
para apanhar a flecha
sabe fingir em alemão
ou sabe-se lá qual idioma
demônio medieval
disfarçada de anjo barroco
pode ser vista ao lado de satã
na divina comédia de dante
ou rezando uma ave-maria
aos pés de nossa senhora do desterro
no altar da igreja do pilar
numa estranha alquimia
entre o sagrado e o profano
vai passar a eternidade
no nono círculo do inferno
ao lado de caim e judas
virgílio vai lhe virar a cara
sua beleza é uma cadela
que me envia em seus latidos
um ganido de socorro
que a vingança transformou
em cantiga de maldizer

Cantigas de amor & maldizer (2013)

LÚCIFER NO CIO

seu próximo passo
é retocar o batom
e assassinar
o amor que não existe

seu próximo passo
é pintar as unhas
e furar os olhos
da menina triste
que quer ser madonna

seu próximo passo
é usar os novos brincos
e derrubar do viaduto
o menino pobre
que quer ser guevara

seu próximo passo
é escolher a minissaia
e comprar a alma
do último trovador

~~~~~ **Quem escolheu a quem: a poesia escolheu você ou você à poesia?**  
Quando nasci, minha mãe me disse: "Vai Jovino, ser gauche na vida!!!"

~~~~~ **Por que poeta e não contista, cirurgião plástico ou ladrão?**

Não sou contista porque não tenho competência para escrever prosa, mas contistas da qualidade de um Sérgio Sant' Anna, Murilo Rubião, Dalton Trevisan e Rubem Fonseca, estão entre os meus escritores prediletos. Na verdade, não é fácil encontrar um bom poeta. Eu leio muito mais prosa do que poesia. Eu considero o cirurgião plástico um artista e eu poderia ser um profissional dessa área se tivesse nascido para isso. Não gostaria de ser um larápio como os políticos brasileiros que roubam a merenda das crianças, a saúde dos cidadãos e a oportunidade de milhões de pessoas crescerem com um mínimo de conforto e dignidade, mas por um outro lado, eu bem que gostaria de ser um ladrão romântico, devasso e perdido como Jean Genet.

~~~~~ **Eu penso que o lugar de nascimento influi na personalidade da pessoa, até em coisas que são difíceis de perceber, que ficam invisíveis/latentes. Então, você acha que ter nascido em Formiga tem algum tipo de influencia na sua escrita, forma de abordar a poesia ou frequência de publicação?**

Não tenho certeza se o lugar de nascimento tem alguma influência na personalidade da pessoa, mas o meu avô materno que se chamava Jovino (fui o neto escolhido para homenageá-lo) tocava violão, marcava quadrilhas e era contador de histórias. Minha mãe, quando jovem, fazia o papel de Maria Madalena, no grupo de teatro da igreja e se apresentava durante a Semana Santa. Quando criança eu não tinha uma biblioteca em casa, mas minha mãe comprava enciclopédias e livros de contos de fadas. Meu pai lia Jorge Amado e Henry Miller. Foi de meu pai que eu herdei toda a ironia e humor que está na minha poesia. Acho que o meio favorece e tenho certeza que jamais teria me tornado poeta se não tivesse me mudado para

e n t r e



Montes Claros, se não tivesse conhecido o Aroldo Pereira, o Raimundo Mendes, a Amelina Chaves, os repentistas Jason de Moraes e Juca Silva Neto, e tantos outros artistas importantes, que conheci no norte do sertão mineiro.

**Tem algum projeto para o ano que vem, algum projeto novo de poesia ou de outro tipo?**

Estou escrevendo um novo livro de poemas, que certamente será editado por Daniel Bilac e Valquíria Rabelo em 2016. Nossa parceria e amizade são antigas. Os dois queridos editaram o jornal literário A Parada entre os anos de 2004 e 2010. Foram publicados 9 números e a minha poesia foi publicada em 7 edições. Fico feliz de saber que a minha produção literária desperta algum interesse nas jovens gerações. No projeto SOBRAS COMPLETAS, é a terceira vez que trabalhamos juntos. A dupla editou também os meus livros: Amar é abanar o rabo (2009) e Cantigas de amor & maldizer (2013).

**O propósito de Manuscritos também é fomentar o diálogo entre as literaturas de América Latina. Você tem algum livro publicado em algum país latino-americano?**

Não tenho nenhum livro publicado fora do Brasil, e confesso que não penso muito nessa possibilidade. O passado não existe e o futuro também não. Eu só acredito no presente, e por isso acho que minha produção poética está vivendo um bom momento. Ainda neste ano vou publicar o livro Meu jeito bêbado de ser, que vai sair pela Coleção Leve um Livro. Vejo que valeu à pena não ter desistido da poesia e estar vivo para ver a minha obra completa editada em um só volume. Quero lembrar também que o SOBRAS COMPLETAS, não é um livro somente meu. É um livro de Dani Zupo, Mário Alex, Patrícia Maês, Adriano Menezes, Simone, Aroldo Pereira, Betinho, Silvano, Ana Parisi, Gabriela Demarco e outros queridos que me ajudaram a me livrar do cheiro de enxofre e morte que tentou se intrometer na minha vida no ano de 2013.

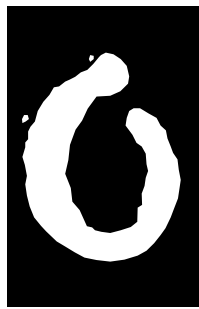
## ENXOFRE

nem o perfume

da chuva azul  
da brisa da tarde  
do azeite de oliva  
do chanel número 5  
da coxa da marilyn  
do sexo selvagem  
do vinho tinto  
do quarto de hotel  
do esmalte vermelho  
do salmão defumado  
dos versos vazios

vão dissipar o seu cheiro de enxofre

sobras completas (2015)



# Arrudas

**rodrigo leste**

rodrigoleste@yahoo.com.br

Quando começa a estação da águas, seu nome é sempre proferido com temor, com ódio, até — Arrudas — causador de desgraças com as suas inundações.

No tempo da seca é quase esquecido, relegado a sua humilde existência, um relés ribeirão, raso, mofino, desprovido de qualquer atrativo.

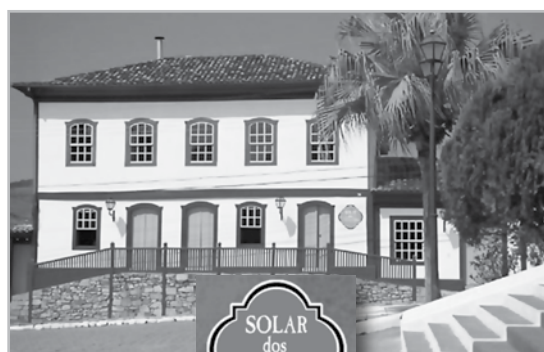
Desde a fundação da cidade não disse a que veio, principalmente, porque não trazia em si o tão cobiçado, ouro. Se houvesse ouro no Arrudas a história de Belo Horizonte seria outra, mas não há, nunca houve, assim, ele corre como um ralo, servindo mesmo para receber dejetos, esgoto.

Às vezes, algum bêbado despenca dentro dele; às vezes, o cadáver de alguma prostituta pobre, suja que foi assassinada em uma madrugada imberbe, é atirado nas suas águas. O Arrudas agüenta todo calado, resignado à sua sina. Recebe toda a sujeira sem torcer o nariz, sem franzir a testa, conforma-se em conviver com a imundície e exalar o odor da podridão, até que chegam as chuvas, fazendo com que se leito raso se agigante. O ribeirão torna-se caudaloso, temível, cresce e salta as muretas da canalização, avança intrépido contra a cidade. Devolve todo o lixo que recebeu, vomita lama e indignação contra os homens que não sabem respeitar as águas que ele sempre trouxe para saciar sua sede.

*(trecho do espetáculo Bellorizontem/Belorizoje, de Rodrigo Leste, BH, 1997)*

**DESPERTAR**

R. República Argentina, 770 - Sion - 3281-1773  
[www.despertaronline.com.br](http://www.despertaronline.com.br) / [iedespertar@gmail.com](mailto:iedespertar@gmail.com)



Santana dos Montes - MG  
 Informações e Reservas  
 (31) 3726 1319 / 3726 1314  
[solarmontes@uol.com.br](mailto:solarmontes@uol.com.br)

PROJETO JARDINS DE DRUMMOND

Praça Lucas Machado

Belo Horizonte cada vez mais bonita e verde!  
 A Certmidia adota a Praça Lucas Machado, na esquina de Av. Brasil com Av. Francisco Sales.

[www.certmidia.com.br](http://www.certmidia.com.br)

Certmidia, nos Jardins de Drummond  
 Desejo a você  
 Fruto do mata  
 Cheio de jardim  
 Namoro na portão  
 Domingo sem chuva  
 Segunda sem mau humor  
 Sábado com seu amor

Instituto de Estudos Drummond (Carlos Drummond de Andrade)

Certificados Digitais ICP-BRASIL, 3 pontos de atendimento ou vamos até você! e-CAC - e-NF - PROJUD e muito mais



ômito

**júnia carvalho**

junia.claudia@terra.com.br

Olhou a pia uma, duas vezes, perdeu a conta, será a última ou a oitava?, porque olhar uma coisa muitas vezes não é necessariamente vê-la, uma coisa pode ser várias, e se a gente olha pode ser que nem veja a coisa, quer dizer, o olhar pode ser um disfarce do pensamento, assim como quando se ensaia olhares no espelho e até se dá nomes a eles, olhar pode ser rastejar, implorar, suspender ou só uma maneira de não dizer, olhares são muito perigosos para definir-se, tão perigosos que diante de qualquer tentativa espiam por entre mil prismas que parecem mil olhos partidos em mil quase palavras. Ou gestos. Ou cheiros. Então quando ela olhou a pia nem a viu, pois as louças empilhadas eram marionetes sem fio e os talheres batiam-se sem qualquer som numa bandeja rasa, mas cheia de água, os copos embaraçavam-se como dominós transparentes, tudo tão ali, bastava estender as mãos cobertas pelas luvas de borracha, mas ela não viu, nada disso ela viu, nem a panela boiando nas placas de gordura do risoto que levou muito queijo e manteiga, porque o que havia mesmo na frente da pia, dos copos, da bandeja, dos talheres, da panela nojenta era o silêncio, não o silêncio da casa vazia ou do telefone mudo, mas o silêncio violento da solidão esvaziando seus tímpanos para deixar entrar um ponto negro, estranhamente desfeito, como uma serpentina se desenrola, mas ganha vida, escorrega da tensão do rolo e suspende o pescoço, depois o resto do corpo, será um rabo?, sim, uma serpente viva no ar. Entender isso é como saber onde está Wally, o corpo da cobra está listrado de branco e vermelho, porém sua decisão de encontrar o estado de alma em que a consciência é uma veste tem endereço certo: desfazê-la com jatos de areia para, em seguida, atear fogo na boca do silêncio, até ele gritar bem alto, até ele tossir uma fumaça tão negra quanto deve ser a morte, até ele cerrar os olhos porque não há mais luz por dentro, nem aquelas que ficam piscando ou mudando de cor ou de lugar ou de forma no escuro de quando a gente fecha os olhos sabendo que dali a pouco eles se abrirão. Não. Essas luzes que a gente vê não existem na boca do silêncio sem identidade, na ausência da palavra que ordena o fluxo do pensamento. Ouvir essa solidão é ouvir o vazio mais absoluto que a alma pode tocar. E foi nesse abismo que ela mergulhou, o coração pulsando na espera do impacto, todo silêncio deve ter fundo ou fim, mas não este, o suor minando das axilas dobradas sobre um arremedo de tomara-que-caia, a louça espera, a pia esquece, o arranjo paralisa a cena como estampa retrô, é um flash, só a cobra se move em câmera lenta e cala o rádio, o sino, os meninos, a rua, a escola, o coração que esfria, não, congela,

vai parar, vai parar, as pernas bambeiam, falta sangue onde tem que sangrar, o silêncio não acaba, não, ele não vai acabar. Será isso talvez um infarto?, pensa. Vencendo milímetros puxa a cadeira, vai se sentar, sentada precisa menos das pernas, é assim mesmo, quando mais se precisa elas fogem, se for infarto deve ser iminente, os lábios estão dormentes, devo estar pálida, quase um fantasma, em breve serei uma alma penada porque quem morre assim, sozinho e em silêncio, não merece outro destino, o que não deixa de ser injustiça, considerando-se que não foi escolha, mas será que não foi mesmo?, dizem que a gente traça nosso próprio caminho, mas agora é tarde, corações costumam ser condescendentes apenas nos filmes e nos romances, o meu não me dará outra chance, vai parar e pronto, mas quando?, ela se pergunta, até quando durará a agonia?, e da cadeira escorrega para o chão porque, afinal, quando cair não quer arrebentar a cabeça ou o rosto, o que lhe daria péssimo aspecto no velório, pra não falar dos comentários de coitada, tão nova, daquele bando de abutres que lhe negou a mão, o ouvido, uma xícara de café, antes só do que mal acompanhada, mas agora bem que ela queria um afago, boa hora pra deixar de fingir que não me importo, que não sou emocional, que o que vem de baixo não me atinge, boa hora pra me enroscar num cobertor e chorar os anos que se foram, boa hora pra descer do salto e escancarar um sorriso das antigas, aquele que fez seu professor um dia dizer, o que é que você não consegue com esse sorriso? O suor agora cobre todo o corpo, escorre pelas costas como se a nuca fosse uma mina d'água intocada, enquanto as unhas estão cravadas nas palmas da mão, felizmente protegidas pelas luvas de borracha que ela não consegue arrancar, e a língua seca não articula seu pedido de socorro ou me ajuda ou estou morrendo. Estou morrendo e agora é para sempre. Um enjoo toma lugar na boca do estômago, uma provocação para a boca muda, que ganha força e num jato espalha no chão o risoto com muito queijo e manteiga, no susto ela limpa os lábios e o ponto negro que ganhou a alma e a cozinha estremece. Ela observa que as pernas já se mexem e a dormência no rosto diminui, vem a esperança da última chance, quem sabe os filmes têm razão? Sim, a sombra cinza do mais profundo preto-e-branco que se pode encontrar ainda está ali, rodeando a presa, mas um fecho de sol resolve entrar pelo basculante e clareia a cozinha, espiondo para todos os lados enquanto a cobra-serpentina se desfaz como poeira no ar. Salva, ela está salva. O coração ainda bate, os olhos ainda vêem, o cérebro ainda pensa e dizendo nossa!, ela percebe que a língua ainda fala. Levanta-se devagar, como um bebê se sustenta nos pés e nas mãos para se erguer, o teto parece muito alto, mas eu chego lá, as pernas titubeiam um pouco, sempre há um ponto onde se amparar e só então ela vê a pia, agora ela vê a pia com a estética da desarmonia, ela vê a pia arrasada pela sujeira como deve estar seu coração pelo silêncio, ela vê a pia indefesa em sua desarrumação, impotente em seu abandono, envergonhada na revelação de sua fragilidade. Lentamente se desvia do vômito espalhado no chão e começa a lavar as louças.





## tecido dos ventos

### farelo de quiat

escritor e professor  
farelodequiat@gmail.com

A menina entrou na sala e sentou de frente para senhora que estava muito centrada. Ela costurava cantos na malha do tempo.

— Vó, o que é isso que a senhora está fazendo?

— É uma manta para a sua irmã.

— Mas pode servir para outra coisa. A senhora não acha?

— Sim. Pode. E para que seria?

— É uma ideia para proteger os livros da nossa casa.

A senhora não conseguiu entender. Deixou que a garotinha desenrolasse seu plano.

— A gente pega essa manta e cobre os livros. Assim o ladrãozinho azul não vai pegar mais nenhum.

— Mas tem ladrão azul nesta casa?

— Tem. Outro dia, encontrei um raspando as páginas do meu livro favorito. A senhora acredita? E se eu não gritasse, o ladrãozinho ia levar o livro.

— O seu livro favorito?

— É. Aquele levado queria roubar A Bonequinha Preta.

— Que absurdo!

— Mas agora com essa manta, ele vai ver que não estou para brincadeira.

A senhora abraçou a menina e juntas viajaram para outros tecidos do vento.

## O menino que comia estrelas

A mãe ficou preocupada com o filho que não voltava do quintal.

— Bru, onde você está?

— Estou deitado no céu! – gritou lá longe.

— O que você está fazendo?

— Deitado no céu verde-amarelo.

— Venha logo, Bru. Já é tarde. Você tem que se arrumar para a escola.

— Já vou, mãe. Estou preparando o lanche.

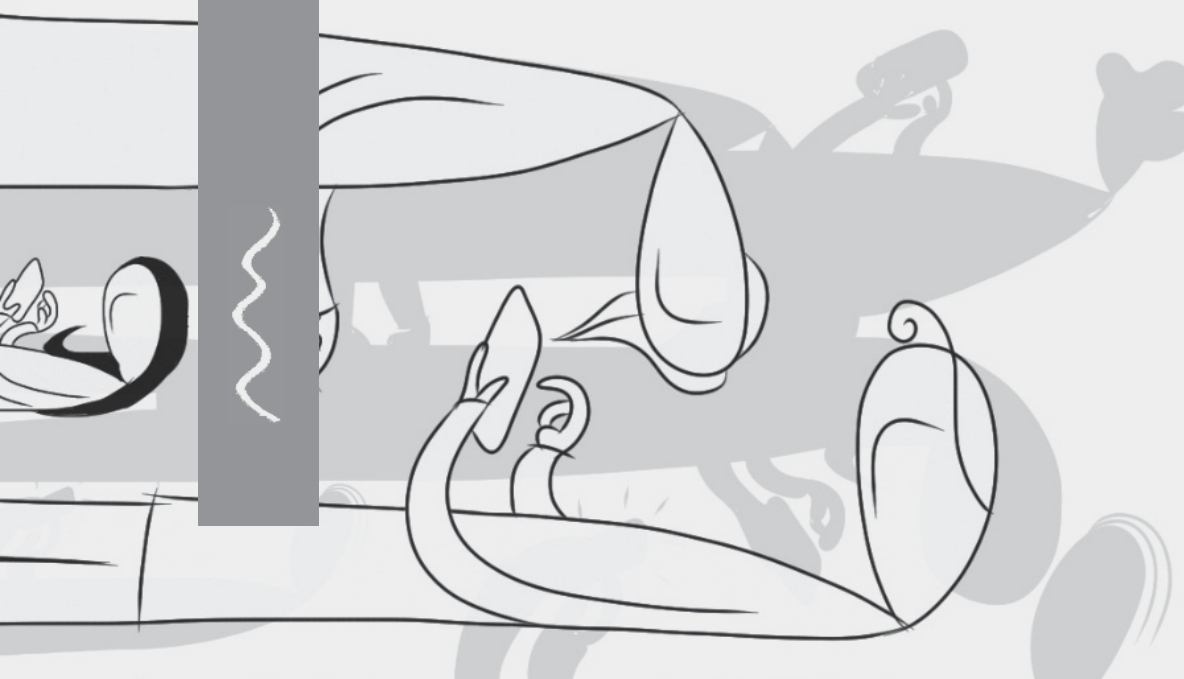
— Mas não temos nada para você levar.

— Temos sim, olhe aqui. Hoje eu vou comer essas estrelas.

A mãe parou o que estava fazendo e abraçou o filho.

— Sinta como elas estão docinhas.

Ela enxugou as lágrimas, espantou a fome com o pouco doce das carambolas, agora, em forma de estrela e esperança.



|                                                                                   |                      |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----------------------|
|                                                                                   |                      |
| Editor                                                                            | Álvaro Gentil        |
| Jornalista responsável                                                            | Fernando Righi Marco |
| Programação visual                                                                | Marcelo Xavier       |
| Produção editorial                                                                | Délio Esteves        |
| Colaboração                                                                       | Agustín Arosteguy    |
| Tiragem                                                                           | 1.000 exemplares     |
| Impressão                                                                         | Fumarc               |
| <p>R. Piauí, 631 - 30150-211 - (31) 3567-8069<br/>livrariasadepapel@gmail.com</p> |                      |